

Espaços e Paisagens

*Antiguidade Clássica e Heranças
Contemporâneas*

Vol. II Línguas e Literaturas. Idade Média.
Renascimento. Recepção

Francisco de Oliveira, Cláudia Teixeira,
Paula Barata Dias (Coords.)

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

ANNABLUME

ESPAÇO LITERÁRIO FEMININO A OBRA DE MARIA DE MESQUITA PIMENTEL

ANTÓNIA FIALHO CONDE
Dep. de História da Universidade de Évora
CIDEHUS-UE
mconde@uevora.pt

Abstract

The literary feminine production is scarce in the modern period. In a speech fitted by the Counter-reform, the conventual's writing was allowing, specially printed, the contact with the secular world. Between the Portuguese nuns, writers, we intend to let know the work of Maria de Mesquita Pimentel, nun born in the last quarter of the XVI century in the South of the Tagus, and what saw part of his work published in 1639, entitled *Memorial da Infancia de Christo e Triunpho do divino Amor*. However, they remained handwritten and unpublished two parts. These Parts, 2nd and 3rd, manuscripts, are structured along 13 *Cantos* (1125 octaves) and 11 *Cantos* (965 octaves), respectively, both in octaves with ten syllables and rhyme scheme ABABABCC. All the *Cantos* have an introductory octave, revealing the Author, along the speech, not only a notable verbal power and a clear influence of the coeval ideas, but also the knowledge of episodes and characters of the classic world, witch she elects and evokes to illustrate the speech and that weren't commons in the formation/education of her contemporaries' nuns.

Keywords: Baroque, counter-reformation, feminine literary, mysticism.

Palavras-chave: Barroco, contra-reforma, escrita feminina, misticismo.

A Autora

A nova glória dos Pimentéis¹, Maria de Mesquita Pimentel faleceu em 1661, com 80 anos de idade². O contrato de dote de sua irmã Escolástica, religiosa no mesmo mosteiro, surge na documentação de S. Bento de Cástris³, na altura com 14 anos, e foi celebrado em Fevereiro de 1612; segundo este contrato, era filha de Luís Mesquita Pimentel e de Domingas da Silva, sendo seu tutor e dotador

¹“Illa Pimenteliae gentis nova gloria, / Pindo/ Nomen in excelso magnum viridantia/ Florum/ Serta gerens niveo pulsabat pectine/ Chordas,/ Infantique paras me lioa crepundia/ Verbo/ Omnia facta tener quae Tu, bone/ Christie, puellus/ Gessisti conscripta libro tibi donat:/ Amoris/ Divinique canit tenebrosa ex hoste/ Triumphos.” P. A. dos Reis 1745: n. 278.

² Cf. D.B. Machado, *Monarquia Lusitana*, o que situaria o nascimento de Maria de Mesquita Pimentel em 1581.

³ B.P.E., Cód. CXXXI/2-2, Fl.221

o tio, Francisco de Piemonte, meirinho da correição. Segundo algumas fontes⁴, a religiosa era dada como pertencendo ao mosteiro cisterciense de Celas, filha de João Pimentel da Silva, e originária de Estremoz.

Foi religiosa no mosteiro cisterciense de Évora. De acordo com o estudo que elaborámos sobre este cenóbio, nunca desempenhou no mosteiro o cargo de abadessa; foi duas vezes subpriora (1637, 1643), e uma vez deputada (1637, 1658), precisamente em períodos conturbados na história local e nacional.

A obra impressa

A parte impressa da sua obra significou a sua saída do anonimato. A leitura e a escrita implicavam o domínio de conhecimentos específicos, normalmente parcos, escassos e controlados: as obras que existiam no mosteiro onde foi religiosa não abundavam, além da rigidez temática que reflectiam. Só conhecimentos adquiridos antes da entrada no mosteiro, em contextos familiares e sociais favoráveis, e eventualmente complementados com uma pequena biblioteca pessoal, explicam a sua agilidade, por exemplo a nível vocabular (ou a nível da grafia, na obra manuscrita, e na sua maior parte autografa, pensamos).

Dentro dos diversos géneros e estilos reconhecidos pelos especialistas em que a escrita feminina se expressou no período moderno, temos que a literatura religiosa, e, dentro desta, a poesia mística, teve larga expressão. Enquadrando-se neste contexto, a sua obra foi parcialmente publicada em 1639⁵, após aprovação do Abade de Alcobaça. Os exemplares são muito raros, mas a Biblioteca Pública de Évora conta com um deles, porém sem folha de rosto⁶. A obra, antes do discurso poético da Autora, obedece a uma sequência discursiva que o contextualiza: contem uma *Dedicatória* da religiosa a Nossa Senhora, um *Prólogo ao Leitor*, onde apresenta o propósito da obra, relatar a Infância de Cristo. Verifica-se aqui uma tendência comum em Seiscentos: se foi de grande devoção mariana, a figura de Cristo e a sua *humanidade* acaba por ser a chave desta obra: "(...) a dinâmica épica [suelo/cielo] no poema heróico de Soror Mesquita Pimentel em torno da encarnação de Jesus"⁷, que se prolonga nas partes manuscritas.

⁴ G. Cardoso 1666: 442.

⁵ Segundo Inocêncio, em Lisboa, na Oficina de Jorge Rodrigues, 1638. "(...) In 8º de X (innumeradas), 156 folhas numeradas só na frente. (...) esta enfiada de cantos mal possa classificar-se como poema de alguma genero determinado, pois que apparecem ahi violadas em tudo as regras e preceitos da arte, não deixa de ter seu merito pela ternura dos affectos, e singela elegancia da phrase em que está escripto, accusando na auctora dotes de não vulgar ingenho, e devota inspiração. A parte impressa é hoje pouco menos que desconhecida, porque os exemplares são rarissimos (...)". I. da Silva 1862:141-143.

⁶ B.P.E., Cota S.N., E 24, C.1. Este exemplar está autografado; a numeração e quantidade de fólios coincidem com os apontados por Inocêncio.

⁷ Cf. I. Morujão 1998:116.

Seguem-se vários sonetos, alguns anónimos, dedicados à Autora, onde se referencia a sua obra⁸, outros de religiosos cistercienses, o primeiro deles em espanhol e com epigrama, da autoria do Dr. Fr. Luís de Sá⁹ e o outro de Fr. Theodosio de Lucena. Os elogios à Autora sucedem-se, através de mais um soneto em espanhol, anónimo, “ en loor de su estremada virtud, y celebre ingenio”, cinco quadras do Padre João de Teve & Marmeleiro, e por último umas décimas do Padre Luis Mendez.

A obra estrutura-se desenvolvendo a primeira parte em 10 cantos a partir da oitava do Argumento, acabando com a seguinte oitava (10, 81^a), e que enquadra as partes que até nós chegaram manuscritas: “Aqui, luz de minha alma verdadeira, /De vossa doce Infancia & santa vida, /Tem já fim esta parte, que he Primeira, /E no meu coração fica esculpida. /Fauorecei, Senhor, vòs a Terceira, /Pois que já vola tenho offerecida, /Aceitando o desejo, que se funda/ Em vos offerecer logo a Segunda”.

A obra manuscrita

O manuscrito¹⁰ desenvolve-se em duas partes, como continuação da obra impressa: uma 2^a Parte, intitulada *Vida e Milagres de Cristo*, estruturada ao longo de 13 Cantos (1125 oitavas) e uma 3^a Parte, e *Memorial da Paixão de Christo e Triumpho do Divino Amor*, em 11 Cantos (965 oitavas).

A história contida nos fólios iniciais do manuscrito conta um pouco do seu percurso. No fólio inicial, além da data apontada da encadernação, 15 de Março de 1653, surgem os nomes do Dr. Francisco Jorge de Castro e de Gonçalo Lopes de Carvalho, possíveis possuidores, e no rodapé, temos a indicação de outro local por onde o manuscrito circulou: Lisboa, *Corpus Christi*, de Carmelitas Descalços. No verso deste fólio, a indicação de que constaria da Livraria de Alexandre Metello de Souza Meneses. Detivemo-nos ao longo do Códice seleccionando partes do discurso que considerámos significativas (capacidade de escrita, riqueza vocabular, substância cultural do discurso, entre outras).

No Canto 2, num quadro apocalíptico, é evocada a Natureza e a sua força devastadora: “(...) Neste terrível tempo em que aquário/ Os seus diluvios d’agoa vem lançando/ E Orion soberbo e temerario/ A lus do belo sol vai eclipsando/ Quis o divino amante solitário/ Que fosse em tal lugar mais

⁸ “Aa Senhora Maria de Mesquita Pimentel, que depois de escrever a Paixão de Christo, & Triumpho do diuino Amor, em oitaua rima, escreveu a Infancia de Chisto, & Triumpho do diuino Amor no mesmo verso”.

⁹ “**Mar** avilla fatal de nuestra edad/ **Ya** feniz os mostrais em boz sirena:/ **De** spues q. en bibo fuego os dexó llena/ **M** inardo; de su ingenio, y santidad:/ **Es** tamas os offrece la deidad/ **Quita** ndo Amor de vuestra dulce vena/ **Pi** ramides que exalçan vuestra pena,/ **Mem** orias que eternizan de verdad./ **Te** ntand la fama que hasta aora muda/ **L** a boz offrece ya, que al te[m]plo llama/ **De** sus aras por victima, el oluido:/ **Raro** tendreis el nombre, que sin duda/ **Ingenio** inuentará la antiga fama/ **Y arte** para os dar lo que es deuido.” Respeitámos os intervalos e sublinhámos as iniciais para tornar mais perceptível a mensagem.

¹⁰ B.P.E., Cód.406 Manizola.

scintilando/ De seu suave amor ardente chama/ Que sempre mais padece quem mais ama/” (2, 14^a).

A mesma linha inspiradora, com a Bíblia como claro hipotexto, encontra-se nas oitavas seguintes. Desta forma nos surge o diálogo entre Belzebu e Lucifer, em plena disputa do fictício *morgado* que é a Terra, e da *humanidade* de Cristo, que contra eles combate. Na luta, Cristo vence as espadas de Lucifer (a vã gula, a vã glória e a ambição), que, de joelhos em terra, Lhe oferece o mundo. E das sequências mais interessantes de todo o Poema, sendo, no final, Cristo laureado pelos *esquadrões do firmamento* pela sua vitória: “(...) Mostrando no valor ser sem seguido/Lhe mostrou num brevíssimo momento/ Quantos Reinos se estendem pelo mundo/ E todo seu principio e fundamento/ De America que o valor tem tão jocundo/ Lhe fez mui sotilmente apontamento/ Do Peru, Tucumão, que a acompanha/ Brazil, Paragai e a nova espanha.// Poslhe tambem a vista o estandarte/ De Africa, q. do mapa tão lustroso/ He huma singular única parte/ Que mostra seu valor maravilhoso/ E o tropheo que nele se reparte/ Ethiopia, e o Congo magestuoso/ A cuja vista o preço seu não perde/ Manomotapa Angola e Cabo Verde.// Com o dedo lhe fez cosmografia/ De Azia nas potestates eminente/ Seos triumphos riqueza e valia/ O lustre de seus faustos excelente/ E vem grande aparato e bizarria/ Assi lhe debuxou mais sutilmente/ A provincia que leva, e que domina/ India, Arabia, magor, Japam e a China.// Ja a soberba europa a quem rodea/ Com suas salsas ondas o oceano/ E a quem ligando vai como em cadea/ O alto e largo mar mediterrano/ A Christo alli presente e encadea/ Pera ficar seu lustre mais ufano/ Italia com Pollonia, e Alemanha/ E com Hiberia, frança e a velha Espanha.” (2, 84^a, 85^a, 86^a, 87^a).

No Canto 3, de 102 estâncias (o quarto mais longo), são descritos os percursos de Cristo pela Palestina: “(...) Por toda a terra vay de Palestina/ Ajustando as ovelhas derramadas/(...)” (3, 17^a).

No Canto 4, além da descrição de milagres de Cristo, é referido o mal da ociosidade, opondo-se ao bem que se alcança pelo trabalho. Neste contexto, destaca-se a pescaria infrutífera de Pedro e André; a manhã rompe, sendo a narração invadida pela força da aurora, tão natural quanto poética: “(...) Que à ora que as madeixas peregrinas/ da bella Aurora os Astros escurecem/ q. Aljofar vem vertendoo e perolas finas/ com q. as ligeiras nuvens enRiqueçem/ loguo este sol sahio co as divinas/ luzes selesteiais q. lhe pertencem/ Por q. seu esplendor inacesivel/ Pode somente a elle ser possível.” (4, 17^a) Pedro e André lançam de novo as redes, já desesperados por nada pescarem, quando a força divina intervém: “(...) Ó nova maravilha alto putento/ ó grandezas de Christo peregrinas/ subidas sobre o humano entendimento/ singulares supremas e divinas/ pois tanto que as lançou no salço argento/ e tocarão nas aguas neptuninas/ abrio Thetis as liquidas moradas/ e as fes de seu thezouro carregadas.// Era hum assombro ver os nadadores/ sem sinal pelo mar caminho abrindo/ com fervido rumor e varias cores/ mais q. cristal e prata reluzindo/ huns piquenos e já outros maiores/ e os grandes e os miudos competindo/ todos juntos nas redes se metião/ com impeto tão grande que as rompião. //

e pera ser mais claro he evidente/ o milagre q. toda a gente nota/ os pexes se sustinão firmemente/ na Rede destroçada e toda rota/ nela estavam saltando alegremente/ admirando-se a gente q. devota/ pasma de ver que o Ar os sustentava/ assi na rede rota como estava” (4, 29^a, 30^a, 31^a).

Passando para presença de Cristo em Jerusalém, e da prática da usura no Templo, a Autora remata a 62^a oitava desta forma: “(...) e nem de Atalo o gosto nas comidas/ pode fartar a fome que tem Midas” (4, 62^a). Este Canto 4 termina de forma idêntica aos anteriores, convidando, nos dois últimos versos, para o Canto seguinte: “(...) para longe caminha e entre tanto/ me quero preparar pera outro Canto.”

No Canto 5 continuam os relatos de diversos milagres de Cristo, tema que se prolonga no Canto seguinte, sendo ainda aqui relatada a grande tempestade que os discípulos enfrentam, onde, além das forças da Natureza, entram Proteu, Neptuno e Tritão. Nereu é encarregado de chamar as Ninfas: “(...) Vinhaa Thetis Raynha nimpha rara/ Com a bella amphitrite q. esquecida/ Do Amor q. lhe o Delphim solicitara/ Ho de Christo estava só rendida/ E Doris q. adoralo mais presara/ q. pessuir os bens todos da uida/ Orithia galharda a uem seguindo/ Com ella Deyopea competindo” (6, 57^a).

O Canto 7 trata de episódios nos desertos da Galileia, onde, para a Autora, Cristo se defronta com as riquezas da prodigalidade – comparável ao sol, que nunca pára o seu curso – e da potência, multiplicando os peixes e o pão.

Os Cantos sucedem-se não variando a temática, numa escrita similar, que merece atento estudo, sendo as últimas quatro oitavas do Canto 13, e último da 2^a Parte, *Vida e Milagres de Cristo*, como que uma súpula de todos os Cantos. A última é bem significativa, no sentido não só de traçar os objectivos da Autora enquanto escritora como enquanto religiosa, a *imitação de Cristo*: “(...) Permitti bom Jesus pois referida/ Deixo aqui voSa vida milagroza/ Que empregue de contino minha vida/ Em uoSa imitação tão glorioza/ (...)” (13, 69^a). O Canto termina com um desabafo da Autora, testemunho da sua confiança, traduzido na expressão: “Asim o piritira Elle”.

A 3^a Parte, *Memorial da Paixão de Cristo e Triumpho do Divino Amor*, apresenta manifestas diferenças nas grafias, sendo a inicial muito diversa e menos elaborada da que encontramos na 2^a Parte. No Canto 2, 28^a oitava, muda a grafia, para uma letra mais cuidada, clara e de mais fácil leitura, que prossegue durante todo este Canto e o seguinte, sendo que, no Canto 4, a grafia muda por duas vezes, terminando numa mais cuidada e elaborada, semelhante à 2^a Parte, e que se prolonga até final do poema.

Mantendo-se a estrutura dos Cantos, esta Parte segue uma clara influência bíblica na ordenação dos episódios, desde a chegada de Cristo a Jerusalém até à ressurreição, passando pelas descrições da Última Ceia e da Via Sacra. Trata-se de uma escrita muito emotiva, com grande carga de fé e devoção, onde o discurso místico pretende antes de tudo um contacto com o Divino. Das oitavas finais, destacamos: “(...) E vos deos de bomdade tão benigna/ que me fizestes ser tão venturosa/ que chegasse a tratar com pena indigna/ de vosa vida e morte glorioza (...)” (11, 76^a).

O Poema termina com um conjunto de seis versos, e não com uma oitava (esquema rimático ABABAB) onde destacamos: “(...) O afecto meu dei que na alma cresse/ aseitai neste dom tão limitado/ (...) Senhor tratar de vos ningem merese/ que Deos so pode ser bem louvado.” (11, 78^a).

Conclusão

A formação das noviças nas comunidades, além da sua proveniência familiar e social, tinha importância fulcral na sua educação, daí que um dos officios de maior responsabilidade nas comunidades monásticas era o de Mestra das Noviças. A decisão acerca das leituras a serem feitas era de extrema importância. Ler com atenção e convicção era fundamental, numa altura em que cada vez mais se distinguia entre a oração mental e a oração vocal.

No que respeita à escrita, a sua expressão no mundo feminino é importante, porque rara. Da leitura à produção escrita continua a haver uma grande distância, e o claustro acaba por se tornar cada vez mais um espaço de libertação em relação ao mundo secular. Sem estarem sujeitas a tarefas domésticas, fazendo parte de uma comunidade internamente hierarquizada que libertava as religiosas do trabalho físico, num contexto contra-reformista, a escrita pode ser, além das descrições simples do espaço envolvente ou dos relatos místicos das fundadoras¹¹, um meio de contacto com o Divino Esposo.

Para a região de Évora foram já estudados alguns exemplos¹², sendo que em 1639 surgiu impressa parte da obra de Maria de Mesquita Pimentel, religiosa no mosteiro de S. Bento de Cástris. Restaram manuscritas duas partes, e foi delas que essencialmente tratámos, procurando que saíssem do anonimato, de molde a contribuir para a formação de uma ideia mais aproximada da efectiva produção literária feminina no período moderno em Portugal.

Fontes

Manuscritos B.P.E. (Biblioteca Pública de Évora)

Cód. CXXXI/2-2, Fl.221

Cód. 66 Manizola, Fl. 324.

Cód. 406 Manizola.

Impressos B.P.E.

S.N., E 24, C.1

¹¹ M. da Rocha 1998: pp.239-250.

¹² I. Morujão 1995.

Bibliografia

- George Cardoso (1666), *Agiologio Lusitano dos Sanctos, e Varoens Illustres em Virtude do Reino de Portugal e Suas Conquistas*, Lisboa, Oficina de António Craesbeeck de Mello, Impressor de Sua Alteza, Tomo 3.
- Diogo Barbosa Machado (1993), *Biblioteca Lusitana Histórica, Crítica e Cronológica*, 2.^a ed., Lisboa, 4 Tomos.
- Isabel Morujão (1995), *Contributo para uma bibliografia cronológica da literatura monástica feminina portuguesa dos séculos XVII e XVIII*. Lisboa, Universidade Católica Portuguesa, C.E.H.R.
- _____ (1998), “Literatura devota em Portugal no tempo dos Filipes: o Memorial da Infância de Cristo, de Soror Maria de Mesquita Pimentel”, in *Via Spiritus*, n.º 5. Porto, F.L.U.P.
- P. António dos Reis (1745), *Corpus illustrium poetarum Lusitanorum*. Lisboa.
- Manuel Joaquim Moreira da Rocha (1998), “Rainha Santa Mafalda: um modelo de perfeição. A construção da memória pelas monjas de Arouca no século XVII”, in *Actas do Colóquio Internacional Cister, Espaços, Territórios, Poder*. Alcobaça, Vol. I. 239-250.
- Innocencio Francisco da Silva (1862), *Diccionario Bibliographico Portuguez*. Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Tomo 6. 141-143.